



A LINHAGEM SAKYA
E O SEU CONTEXTO HISTÓRICO

Sua Santidade Sakya Trizin

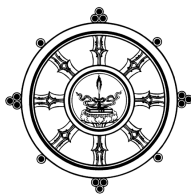


PADMAKARA

A LINHAGEM SAKYA
E O SEU
CONTEXTO HISTÓRICO

SUA SANTIDADE SAKYA TRIZIN

1ª Edição (v 1,1 - Junho 2016)



PADMAKARA

Neste mundo, existem muitos povos diferentes, com ideias e crenças diferentes, contudo, uma coisa que é comum a todos é o desejo de serem livres de sofrimento e alcançarem a felicidade. Todos trabalham arduamente pela felicidade, no entanto é claro que, por maior que seja o nosso sucesso exterior, a verdadeira paz interior e felicidade não serão alcançadas desta forma. A verdadeira paz e felicidade só podem ser conquistadas através de uma mudança nas nossas mentes.

Enquanto as nossas mentes forem controladas pelas emoções negativas não podemos verdadeiramente ter paz, e a forma de se alcançar a libertação dessas emoções negativas é seguindo um caminho espiritual.

Há muitas religiões diferentes no mundo e cada uma delas tem o seu propósito, a sua beleza, a sua forma de ajudar a humanidade. Acredito que todas as religiões principais enfatizam a importância do amor, da compaixão, da tolerância e do perdão. Todas estas religiões podem-nos ajudar a mudar.

Há um número ilimitado de seres e, apesar de sermos todos iguais,

temos diferentes gostos, mentalidades, obscurecimentos, emoções e propensões; por este motivo, necessitamos de sistemas espirituais diferentes, diferentes formas de superar as nossas emoções negativas. Por exemplo, é óbvio que não existe um só medicamento que consiga curar todas as doenças. Aliás, não só temos diferentes medicamentos para diferentes doenças, como também existem diferentes sistemas médicos. A medicina alopática é muito eficaz em certas doenças, enquanto que para outras, a medicina ayurvédica poderá ser a mais indicada; outras vezes a homeopatia poderá ser a mais eficaz e assim por diante. Da mesma forma a variedade de tradições espirituais que existe no mundo é necessária e esta é a razão pela qual o grande guia, o Buda, com infinita sabedoria, compaixão e poder, usando meios hábeis, concedeu muitos níveis diferentes de ensinamentos, incluindo as vias do Theravāda, do Mahāyāna e do Vajrayāna – o Buda não deu um único ensinamento para todos os seres. Além disso, dentro do Theravāda, há muitas escolas e tradições diferentes, no Mahāyāna há diferentes escolas e tradições filosóficas, e no Vajrayāna há diferentes classes de tantras.

Foi na Índia que o Buda praticou a maioria das suas actividades, estas consistiram em actividades físicas, verbais e mentais; porém a mais importante para ajudar os seres, foi ter girado a roda do Dharma; fazer “girar a roda do Dharma” significa “dar ensinamentos”.

O Buda não disse: “Se me venerarem, se eu ficar agradado, então eu vos salvarei”. Nem disse: “Como presente, dar-vos-ei a libertação e a iluminação”. O que o Buda disse foi: “Mostrei-vos o caminho para a libertação, mas a libertação em si mesma depende de vós”.

A melhor forma de ajuda que o Buda ofereceu aos seres sencientes foi dar os seus ensinamentos e mostrar o caminho para a libertação e a iluminação.

A partir da Índia, os ensinamentos do Buda – o Buddhadharmā – percorreram muitos países diferentes e, por fim, graças à grande bondade dos reis do Dharma tibetanos, às grandes bênçãos dos mestres indianos e aos grandes esforços dos tradutores tibetanos, o budismo foi levado da Índia para o Tibete.

No Tibete, temos os ensinamentos budistas em todas as suas formas, nomeadamente o Theravāda, o Mahāyāna e o Vajrayāna – isto é algo óbvio. Nos dias de hoje, algumas pessoas falam em “Budismo do Sul” e “Budismo do Norte”. Budismo do Sul refere-se às tradições Theravāda, em países como o Sri Lanka, a Birmânia, a Tailândia, o Camboja, o Laos, e por aí a diante. Estes países têm uma excelente tradição do vinaya para monges, juntamente com fortes tradições monásticas, regras sobre como receber os votos, como mantê-los, rituais correctos, e assim por diante. Estas são práticas que também temos no Tibete, por exemplo, os mosteiros tibetanos têm excelentes tradições monásticas. Existindo assim uma total semelhança e consonância entre os países Theravāda e o Budismo Tibetano. Este na verdade é tão completo que, muito recentemente, sob a orientação de S.S. o Dalai Lama, foi promovido, em Nova Delhi, um encontro entre detentores de tradições monásticas tibetanas e mestres Theravāda. Desse encontro resultou um bom debate e concluíram que essencialmente não existem diferenças entre os países e aquelas que se podem encontrar são mínimas e devem-se a especificidades linguísticas.

Do mesmo modo, o “Budismo do Norte” refere-se ao budismo no Japão, Coreia, China e Taiwan, onde há tradições Mahāyāna que se baseiam no *Sūtra do Lótus*, no *Sūtra-Coração*, e assim por diante. Nestes países, os budistas praticam a via do Bodhisattva. Todos os ensinamentos da via dos bodhisattvas são apresentados nas línguas nativas destes países e existem não só em livros, mas também en-

quanto prática verdadeira.

Actualmente, a tradição Vajrayāna é praticada sobretudo no Tibete e na Mongólia, ainda que no Japão também existam algumas tradições Vajrayāna.

Dado que o Tibete tem todas estas tradições budistas diferentes, é possível um diálogo entre o Budismo Tibetano e as tradições budistas de todos os outros países. Por comparação, o Japão e o Sri Lanka, apesar de ambos serem países budistas, não têm uma base comum equiparável – o Japão não tem as tradições vinaya do Sri Lanka, e o Sri Lanka não tem os sūtras Mahāyāna. O Budismo Tibetano tem assim bases comuns com todos os outros países budistas.

O budismo veio da Índia para o Tibete em dois períodos diferentes. O primeiro foi durante o séc. VIII, na época do grande abade Śāntarakṣita, do grande Guru Padmasambhava e dos reis do Dharma tibetanos. Pois, ainda que tenham sido introduzidos alguns ensinamentos e práticas durante a época de Songtsen Gampo, no séc. VII, não havia no Tibete a integralidade dos ensinamentos budistas. Foi só no tempo de Śāntarakṣita, de Guru Padmasambhava e do Rei Trisong Detsen que o verdadeiro budismo se formou no Tibete e foi nesta época que foram estabelecidas as tradições monásticas.

Quando Śāntarakṣita tentava estabelecer a tradição monástica e construir templos, ocorreram muitas perturbações causadas pelos guardiões, ou espíritos locais tibetanos. Śāntarakṣita construía templos durante o dia e, no decorrer da noite, o seu trabalho era destruído. Assim, o abade Śāntarakṣita sugeriu que fosse convidado Guru Padmasambhava. Padmasambhava veio, subjugou os espíritos malévolos e transformou aqueles que permaneceram em protectores budistas. Feito isto, os problemas terminaram e o trabalho de estabelecer o Dharma prosseguiu pacificamente. Estas foram as grandes bênçãos

de Guru Padmasambhava que, desde o início, estiveram presentes. Neste período, a compilação dos ensinamentos do Buda conhecida como *Kangyur* e a compilação dos grandes comentários conhecida como *Tengyur* foram traduzidas para tibetano; e assim foi estabelecido o budismo autêntico.

A tradição Sakya foi estabelecida pela família Khön e floresceu no seu seio. Acredita-se que os Khön, originariamente, são descendentes directos de seres celestiais que vieram habitar nas altas montanhas do Tibete. Alguns deles retornaram e outros permaneceram, a linhagem desta família descende daqueles que permaneceram. Naquela época eram conhecidos como “Raça Celestial da Luminosidade”. Este foi o nome original da família Khön. Neste período inicial, externamente a família Khön envolveu-se numa luta contra os rākṣasas que foram derrotados. Internamente, estes Khön eram emanções de Mañjuśrī; desta forma, a nível interno, Mañjuśrī derrotou a ignorância. Daqui deriva a palavra “Khön”, que significa “desacordo”: “Desacordo externo” com os rākṣasas e “interno” com a ignorância.

Um segundo nome dos Sakya é “Khön Puros”. No tempo dos primeiros Khön, há muito tempo atrás, não havia a escrita e portanto ainda não existia literatura que descrevesse as suas vidas ou as suas actividades. Sabemos, no entanto, que nessa época no Tibete só havia a religião Bön e que, inicialmente, os Khön eram praticantes Bön.

Quando Śāntarakṣita e Guru Padmasambhava trouxeram o budismo para o Tibete, no séc. VIII, os Khön envolveram-se no budismo. O primeiro Khön a tornar-se budista chamava-se Khön Nāgarakṣita e foi um grande tradutor. Durante este período, os tibetanos começaram a receber, pela primeira vez, a ordenação monástica budista completa. Como havia dúvidas sobre se os tibetanos conseguiriam manter os votos, foram escolhidos apenas sete indivíduos para uma

espécie de prova, dos quais três eram jovens, três idosos e um de meia idade. Khön Nāgarakṣita foi um desses três jovens. Todos receberam a ordenação budista completa de bhikṣu do abade Śāntarakṣita, e todos foram muito bem sucedidos em manter o vinaya. E este foi o início auspicioso da grande tradição monástica do budismo tibetano. Mais tarde, milhares e milhares de mosteiros foram estabelecidos com centenas de milhares de monges e monjas.

Khön Nāgarakṣita tinha um irmão mais novo conhecido como Rinchen Dorje que não era monge, mas sim laico. Ambos, Khön Nāgarakṣita e Rinchen Dorje, receberam muitas iniciações e ensinamentos, incluindo Vajrakīlaya e Samyak Heruka, que passaram a ser as deidades principais da tradição Khön. Ao longo de muitas gerações, os Khön praticaram estas duas deidades e alcançaram grande realização e muitos milagres. Isto continuou por muito tempo, durante o qual a família Khön era Nyingmapa, ou seja, seguiam a tradição das Antigas Traduções.

Um certo rei tibetano, de nome Langdarma, destruiu muitos dos ensinamentos e práticas budistas, o que causou um hiato no florescimento do budismo no Tibete. Depois disso, o Buddhadharma começou a expandir-se uma vez mais e foi de novo trazido da Índia. Este segundo período é chamado de Novas Traduções ou Sarma. As escolas das Novas Traduções são as tradições Sakya, Kagyu e Gelug.

A família Khön mudou-se da tradição Nyingma para estabelecer a tradição Sakya porque, após muitas gerações, sentiram que se maturavam as condições auspiciosas para o estabelecimento de uma escola separada. Então, com este objectivo, durante o séc. XI, na época de Khön Könchok Gyalpo, tentaram ocultar os ensinamentos antigos, ou Nyingma. No entanto, surgiram sinais de que os protectores de Vajrakīlaya e Heruka estavam descontentes e assim perceberam

que não podiam esconder o ciclo de ensinamentos de Vajrakīlaya. É por isso que, apesar de agora estarmos numa nova tradição, mantemos a continuidade dos ensinamentos de Vajrakīlaya e consideramos Vajrakīlaya como uma das nossas principais deidades e uma das nossas principais práticas, até aos dias de hoje.

Khön Könchok Gyalpo tinha um irmão mais velho que lhe disse: “Agora estou velho e incapaz de aprender, mas tu, sendo mais novo, deves aprender com a nova tradição”. Quando Khön Könchok Gyalpo soube de Drogmi Lotsawa, o mestre mais famoso no Tibete daquela época, foi ao encontro dele para pedir ensinamentos. O seu nome completo era Drogmi Lotsawa Shakya Yeshe – “Lotsawa” significa “tradutor”. Khön Könchok Gyalpo recebeu de Drogmi Lotsawa muitos ensinamentos, em particular o *Lamdre* e o ciclo de ensinamentos *Hevajra*. Mais tarde, Sachen Kunga Nyingpo, filho de Khön Könchok Gyalpo, recebeu o ciclo completo dos ensinamentos Lamdre dos discípulos dos discípulos de Drogmi Lotsawa, e assim por diante.

Os Sakyapas são chamados de “detentores da linhagem dos quatro grandes tradutores tibetanos”. Estes quatro são: Bari Lotsawa – cujo primeiro nome era Rinchen Drak –, Drogmi Lotsawa Shakya Yeshe, Mal Lotsawa Lodrö Dragpa e Lotsawa Rinchen Zangpo. Os ensinamentos, as instruções essenciais e as tradições, que foram trazidas para o Tibete por estes quatro tradutores, foram praticadas e propagadas pela ordem Sakya. Os ensinamentos destes tradutores eram considerados muito autênticos, dado que estes tradutores fizeram todo o caminho desde o Tibete até à Índia, onde conheceram grandes mestres indianos, com os quais estudaram durante muito tempo, trazendo depois esses ensinamentos de volta para o Tibete. Como tal, estes ensinamentos são considerados muito autênticos e muito puros

e portanto têm sido preservados e transmitidos.

De uma forma geral, todas as escolas do Budismo Tibetano concordam que o mais importante é a motivação. Qualquer que seja a nossa prática, qualquer que seja o ensinamento que recebamos, onde esse ensinamento nos levará depende da nossa motivação. A motivação é a mesma em todas as escolas budistas tibetanas, em todas as escolas se deseja alcançar a iluminação pelo bem de todos os seres sencientes. Neste aspecto, não existe absolutamente nenhuma diferença entre as escolas.

No que diz respeito à prática principal, todas as escolas enfatizam tanto o método, como a sabedoria. O método, ou os meios, inclui práticas como a generosidade, a conduta moral, a paciência, a meditação, etc. que são similares em todas as escolas.

A sabedoria consiste na descoberta da verdade última, ou seja, conhecer a natureza última de todos os fenômenos. No que toca à sabedoria, todas as escolas budistas tibetanas seguem o que se chama Madhyamaka ou Caminho do Meio.

As pessoas comuns não se preocupam em indagar sobre a verdadeira natureza das coisas, nem se questionam sobre o que é a realidade. Simplesmente tomam a vida “como ela é”. Mas aqueles que são mais inteligentes tentam descobrir qual é a natureza da realidade. O que vemos e aquilo que é a realidade são duas coisas distintas. Por exemplo, pessoas que têm certas doenças como a icterícia vêem a lua como sendo amarela devido à sua doença. O que nós apreendemos, como por exemplo: formas, sons, odores, sabores, etc. não é a verdade última desses fenômenos.

Então qual é a natureza ou verdade última dos fenômenos? Há diferentes respostas a esta pergunta. Escolas não-budistas têm respostas diferentes das escolas budistas, e as respostas também diferem

entre as várias escolas filosóficas no budismo. A mais elevada – conhecida como o ensinamento mais importante do Buda – chama-se Perfeição da Sabedoria, ou Prajñāpāramitā, que posteriormente veio a ser explicada pelo grande mestre indiano Nāgārjuna.

O próprio Buda profetizou que, quatrocentos anos após o seu mahāparinirvāṇa, haveria um bhikṣu, de nome Nāga, que seria capaz de explicar o verdadeiro significado da Prajñāpāramitā, a Perfeição da Sabedoria. Nāgārjuna, tal como profetizado por Buda, veio a este mundo e explicou a filosofia Madhyamaka, ou o Caminho do Meio. A Madhyamaka difere das outras escolas, no sentido em que o Caminho do Meio não oferece uma conclusão enquanto tal. Todas as outras escolas chegam a uma conclusão de que: “é isto” ou “é aquilo”.

Na Madhyamaka, todos os fenómenos são explicados de duas formas: em termos de verdade relativa e de verdade absoluta. Enquanto verdade relativa assume-se aquilo que as pessoas comuns vêem, exactamente como tal – aceitamos que existem as formas para serem vistas, os sons a ouvir, os odores, sabores, e assim por diante. Contudo, quando tentamos encontrar a verdade absoluta, não pode haver uma conclusão, pois a verdade absoluta está longe de qualquer explicação, percepção, descrição ou palavras. Não podemos descrevê-la como sendo desta forma ou daquela, está para além das palavras, percepções e explicações.

Dado que a motivação básica e a prática principal, ou método, são os mesmos, a realização final da iluminação é também a mesma. Os budistas tibetanos não são diferentes uns dos outros, de modo algum, embora as linhagens das quatro escolas sejam diferentes entre si, isto é, apresentam diferenças no que toca à linhagem dos mestres através dos quais os ensinamentos foram transmitidos. Na origem, os seus gurus indianos podem ter sido diferentes; e os tradutores, a for-

ma como os ensinamentos foram trazidos da Índia e transmitidos de um mestre para outro – todos estes aspectos são diferentes. A ênfase de cada escola é ligeiramente diferente; algumas escolas enfatizam os estudos, enquanto que outras põem a ênfase na meditação. Mas, para além destes aspectos, não existe realmente diferença alguma entre as escolas do Budismo Tibetano.

Como mencionado anteriormente, pelo facto de todos os seres serem diferentes, é necessário haver uma variedade de práticas. Por exemplo, há centenas, ou mesmo milhares de deidades, mas todas as deidades são de facto a sabedoria transcendental última do Buda. O Buda omnisciente é o mesmo e não há diferença entre as deidades. No entanto, para o bem dos praticantes e seguidores, elas parecem ser diferentes. Como tal, algumas deidades são iradas e outras pacíficas, algumas têm formas muito elaboradas com muitas mãos, cabeças e pernas, enquanto que outras são muito simples, com uma face e duas mãos. Algumas estão rodeadas por centenas de outras deidades. Algumas aparecem sozinhas ou numa forma muito simples. Tudo isto deve-se ao facto de termos interesses diferentes. Algumas pessoas tendem para as deidades iradas. Algumas tendem para as deidades pacíficas. Algumas preferem as formas elaboradas e outras preferem as formas simples. Algumas ficam intrigadas com deidades que são rodeadas por milhares de outras deidades e algumas sentem-se atraídas por uma deidade solitária. Mas é claro que todas as práticas são, de facto, as mesmas.

Os Sakyapas têm ligações históricas com todas as escolas do Budismo Tibetano. Os Khön eram originariamente Nyingmapas. Eram discipulos directos de Guru Padmasambhava e as suas práticas principais eram Vajrakīlaya e Samyak Heruka. Então, os Nyingmapa são como um avô para nós, é de onde surgimos originalmente. Em

seguida, os Kagyupas são como irmãos gêmeos dos Sakyapas, estas duas linhagens foram fundadas aproximadamente na mesma altura e partilham as mesmas práticas. Uma das práticas principais da tradição Kagyu é Hevajra, que, por sua vez, é a prática principal da tradição Sakya. O fundador da tradição Kagyu, Lhodrak Marpa Chökyi Lodrö – Marpa Lotsawa –, foi até à Índia e trouxe de volta muitos ensinamentos, incluindo o ciclo Hevajra; e o *Tantra de Hevajra* que se ensina nas duas escolas é semelhante.

Existem duas traduções do *Tantra de Hevajra* em tibetano. Uma foi traduzida por Drogmi Lotsawa Shakya Yeshe e a outra foi traduzida por Marpa Lotsawa Chökyi Lodrö. As traduções são similares e os ensinamentos são os mesmos; da mesma forma, a filosofia da prática nestas duas escolas é similar. Na tradição Sakyapa, um dos mestres de maior importância, após os cinco fundadores, é Ngorchen Dorjechang Künga Zangpo, que fundou o ramo Ngor, uma espécie de sub-escola da tradição Sakya. Ngorchen Künga Zangpo escreveu muitos comentários sobre numerosos tantras, em especial sobre o ciclo de ensinamentos Hevajra. Nos seus comentários, exemplificou claramente as várias tradições e as suas respectivas práticas do ciclo Hevajra. Depois de estudar todos os ensinamentos Hevajra das diferentes tradições da Índia, ele rejeitou e refutou alguns deles. Prosseguindo com estudos adicionais e continuada contemplação, descobriu que os ensinamentos que vieram de Marpa Lotsawa, da tradição Kagyu, eram similares às tradições Sakya.

Outro grande mestre Sakyapa é Gorampa Sönam Senge, discípulo de Ngorchen Künga Zangpo, que escreveu muitos comentários acerca dos sūtras e também dos tantras. Hoje em dia, nos estudos filosóficos em todos os mosteiros Sakya e especialmente nas universidades, estudamos um texto escrito por Gorampa Sönam Senge. Este

texto chama-se *Distinguindo as Diferentes Visões Filosóficas* e descreve os pontos de vista e práticas de muitas escolas diferentes. Gorampa afirma no seu trabalho que aqueles que seguiam a verdadeira filosofia Madhyamaka eram os antigos tradutores, os grandes mestres Sakyapa e Milarepa.

Todos os que seguem a Madhyamaka têm a mesma visão – a visão é a essência da nossa prática. É claro que os rituais com cânticos e música são ligeiramente diferentes em cada mosteiro, mas este aspecto não é realmente importante. Se todas as escolas partilham a mesma visão, qual outra semelhança seria então necessária?

Em seguida, temos a escola Gelugpa, fundada por Lama Tsongkhapa. Tendo realizado a maior parte dos seus estudos dos sūtras no mosteiro Sakya, Lama Tsongkhapa teve como mestre principal, durante muitos anos, Rendawa Shyonnu Lodrö que era um dos abades assistentes do mosteiro. Lama Tsongkhapa recebeu os ensinamentos e as iniciações Vajrayāna de Lama Dampa Sönam Gyaltzen, um dos detentores do trono na tradição Sakya. Desta forma, a escola Gelugpa é como se fosse a nossa sobrinha. Como podem ver, todas as três tradições estão muito ligadas.

A diferença entre as escolas tibetanas é sobretudo uma questão de linhagens pelas quais os ensinamentos foram sendo transmitidos. Mais tarde, três grandes mestres, Jamyang Khyentse Wangpo, Tertön Chogyur Lingpa e Jamgön Kongtrul Lodrö Thaye seguiram o que chamamos de “tradição não sectária”. Estes mestres receberam ensinamentos de todas as escolas, depois combinaram-nos, e praticaram-nos todos. Também redigiram comentários e compilaram o grande tesouro, isto é, as colectâneas de sādhanas e as colectâneas de tantras, contendo iniciações, bênçãos e ensinamentos de todas as diferentes escolas do Budismo Tibetano. Na verdade, até mesmo as linhagens

estão muito ligadas entre si e em muitas das colectâneas de sādhanas das escolas Nyingma, Sakya, Kagyu, Gelug e outras, estão reunidos todos os mestres das linhagens de ensinamentos, que podem ser vistos como sendo essencialmente os mesmos.

Além do mais, entre as deidades não há diferença alguma em termos da sua sabedoria, compaixão ou poder. Certas deidades são mais fáceis de realizar e outras mais difíceis, mas isto deve-se à nossa afinidade kármica. É por isso que é importante encontrar uma deidade adequada às nossas próprias ligações kármicas.

Da mesma forma, podemos ter ligações kármicas com diferentes escolas. Algumas pessoas estão conectadas karmicamente com os Sakya, algumas com os Kagyu, outras com os Gelug ou Nyingma, e assim por diante. Qualquer que seja a sua ligação kármica, essa deverá ser tida como sendo a sua prática principal.

Devemos também ter para com todas as escola a visão correcta e visão pura. Isto significa que devemos ver cada escola como sendo a actividade do Buda, ele mesmo, graças à qual foram estabelecidas diferentes escolas com diferentes propósitos. Desta forma, podemos obter grande mérito e receber muitas bênçãos de todas as escolas. No passado, houve períodos em que ocorreram actividades sectárias, mas, mais recentemente, devido às grandes bênçãos e orientação de Sua Santidade o Dalai Lama, o Budismo Tibetano tem sido levado a uma unidade harmoniosa, com visão pura relativamente a todas as escolas.

Graças a isto, todos são beneficiados, recebem bênçãos e podem enriquecer as suas práticas. No Vajrayāna a prática pura ou compromisso (samaya) é muito importante. Se o samaya não for puro, será muito difícil obter experiência e realização. Mas se o samaya for puro, será fácil alcançar realização e experiência. É muito importante

compreender estas coisas.

Tentei oferecer aqui uma breve panorâmica da linhagem de prática Sakya que, tradicionalmente, foi transmitida desde a linhagem Khön até aos dias de hoje.

No entanto, em 2014, quando vim aos Estados Unidos da América, pensei que era necessário fazer algumas alterações. Neste momento, estamos completamente unidos mas, se o *status quo* permanecer inalterado, poderão surgir problemas no futuro. Torna-se, portanto, necessário fazer algumas mudanças no nosso sistema na tradição Sakya.

A mudança proposta, na sua essência, não é realmente uma mudança. Como é sabido, na nossa tradição, os detentores da linhagem Khön são reconhecidos como a hierarquia máxima da ordem Sakya. Todos reconhecem que este sistema foi estabelecido historicamente e tem continuado assim até hoje. Contudo, quando eu estava nos Estados Unidos da América, fiz uma visita a Seattle e tive uma conversa com os membros do Phuntsok Phodrang (palácio), em particular com Dagchen Rinpoche, chefe do Phuntsok Phodrang. Como ambos somos membros séniore da escola Sakya, sentimos que, enquanto formos vivos, deve ser nossa responsabilidade ajudar a geração mais nova da tradição, para que, quando estes nos sucederem na liderança da escola Sakya, não haja confusão nem problemas. Depois da conversa, os membros do Phuntsok Phodrang estavam em total acordo com o que tinha sido proposto. O acordo foi escrito, lido, assinado e selado nesse momento. No entanto, a proposta não foi anunciada imediatamente. Tive uma audiência com S.S. o Dalai Lama, na qual lhe apresentei o acordo assinado, e pedi as suas bênçãos e sugestões. Sua Santidade ficou muito contente com a proposta e comentou que esta era uma excelente notícia. Sua Santidade deu assim a sua bênção completa e a

sua autorização, juntamente com uma carta de reconhecimento.

A proposta foi oficialmente anunciada durante o Mönlam de 2014. Tradicionalmente, a liderança da escola Sakya alterna entre os dois palácios – o Phuntsok Phodrang, que neste momento reside em Seattle, e o nosso, o Drolma Phodrang. De facto, recuando muitas gerações, os dois palácios têm o mesmo pai e a mesma mãe. Na verdade, os fundadores dos palácios eram irmãos e os chefes dos dois palácios têm-se revezado como chefes da tradição Sakya, esta posição tem sido normalmente baseada em senioridade e a nomeação era vitalícia. Como tal, os membros mais jovens da família Khön quase não tinham hipótese de se tornarem chefes. Devido a estes problemas, sentimos que era necessário propor uma mudança neste sistema.

Existe ainda outra razão para esta mudança. Há muito tempo atrás, quando ainda era jovem e vivia no Tibete, um dos maiores mestres do Tibete e um dos meus gurus, Khyentse Dorjechang – Jamyang Khyentse Chökyi Lodrö – sugeriu que os membros dos dois palácios se revezassem como chefes da escola Sakya durante um termo de três anos. O que seria semelhante à liderança dos palácios Ngor, o ramo da escola Sakya. Na tradição Ngor, há quatro palácios e, a cada três anos, o chefe de um dos palácios é nomeado chefe da tradição Ngor. Jamyang Khyentse Chökyi Lodrö propôs que os palácios Drolma e Phuntsok adoptassem um sistema igual, por forma a evitar confusões e problemas. Foi impossível implementá-lo naquela época, no Tibete, mas creio que agora é uma boa altura para começarmos. Khyentse Dorjechang foi um grande mestre e as suas sugestões têm em si mesmas grandes bênçãos. Eu mencionei isto a Dagchen Rinpoche que aparentemente também se lembrava disto. Ele confirmou que Khyentse Dorjechang tinha, de facto, feito estas sugestões.

No novo sistema, cada membro da família Khön que correspon-

da às qualificações determinadas no documento, será elegível para ser escolhido como chefe da ordem Sakya e, desta forma, todos terão uma oportunidade de serem chefe. Só há dois palácios oficiais, mas, na realidade, cada Dungse (Filho do Clã) tem a sua família e fica numa casa diferente. Portanto, estritamente falando, há mais do que dois palácios. Neste novo sistema, todos os de cada palácio têm uma oportunidade de liderar a escola Sakya.

Muitas pessoas pensam que isto será uma grande mudança mas, na realidade, não será uma verdadeira mudança, será ainda a mesma tradição e a tradição Sakya continuará a ser liderada por membros Khön. A única diferença é que a duração da nomeação será alterada, dando oportunidade a cada membro Khön, que seja qualificado, de ter a mesma hipótese de se tornar chefe da ordem.

O comunicado oficial deste novo sistema foi feito no Mönlam, em 2014. De acordo com a carta astrológica tibetana, 2016 não será um ano auspicioso, mas acredita-se que 2017 será um bom ano e nós daremos início à implementação deste novo sistema em 2017, tal como determinado no acordo que foi assinado. Para além disso, o novo sistema tem uma vantagem adicional no sentido em que os Dungsés dos dois palácios já terão crescido. Alguns já completaram os seus estudos e outros estão a terminar os estudos agora. É uma boa altura para assumirem a responsabilidade de liderar a tradição, pois os mais velhos ainda estão vivos. Dado que, se eles assumissem cargos de liderança sem a nossa presença, poderia ser difícil quando quisessem pedir conselhos, e assim por diante. Enquanto os membros mais antigos estiverem vivos, estes podem dar sugestões e orientações quando surgirem problemas. Esta é a notícia que eu gostaria de comunicar durante estes ensinamentos.

Concluimos assim o ensinamento.

© EDIÇÕES PADMAKARA 2016

Título original inglês: *The Sakya Lineage in Historical Context*

Autor: Sua Santidade, Sakya Trizin.

Textos originais elaborado a partir de transcrição de ensinamentos e publicado por:

Tsechen Kunchab Ling Publications, Nova Iorque, 2016

Traduzido para português e publicado por ocasião da primeira visita de S.S. Sakya Trizin a Portugal, Lisboa, de 20 a 24 de Junho de 2016.

© Edições Padmakara 2016 - 1a Edição (v 1,1 - Junho 2016)

PADMAKARA - INTERNACIONAL

Le Plantou 24580 Plazac - France

Tel : + 33 (0)5 53 50 80 51 - Fax : +33 (0)5 53 51 16 06

editions@padmakara.org

www.songtsen.org

www.padmakara.org

EM PORTUGAL

Fundação Kangyur Rinpoche

Rua Padre Luis Aparicio, nº 9- 6º E

1150-248 Lisboa

Tel: 213 887 521

office@krfportugal.org

www.krfportugal.org

PUBLICADO PARA CELEBRAR A PRIMEIRA VISITA DE
S.S. SAKYA TRIZIN A PORTUGAL
20 A 24 JUNHO DE 2016

PADMAKARA E FUNDAÇÃO KANGYUR RINPOCHE
Rua Padre Luis Aparicio, nº 9- 6º E,
1150-248 Lisboa
Tel: 213 887 521
office@krfportugal.org | www.krfportugal.org

1ª Edição (v 1,1 - Junho 2016)